



## REFLEXÕES SOBRE A ROTINA ESCOLAR NO RETORNO AO ENSINO PRESENCIAL SOB O OLHAR DE QUATRO PROFESSORAS ALFABETIZADORAS

*Juliane de Oliveira Alves Silveira*<sup>1</sup>

*Gabriela Medeiros Nogueira*<sup>2</sup>

**Eixo temático 10**

Alfabetização e pandemia: desafios, aprendizados e perspectiva

**Resumo:** Este trabalho apresenta o recorte de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do Pós-Doutorado vinculada ao Grupo de Estudos em Alfabetização e Práticas de Incentivo a Leitura (GEALI/PPGEDU/FURG) sobre Práticas de Leitura em turmas de alfabetização no ano de 2022. Por meio da abordagem metodológica da pesquisa-formação, foram realizados cinco encontros *online* de maio a setembro, através da Plataforma *Meet*, com quatro professoras alfabetizadoras da rede municipal de Ensino do Rio Grande (RS). Os dados apresentados e discutidos neste trabalho referem-se às narrativas das professoras dos encontros dos dias 26 de maio e 09 de junho, sobre as suas percepções e vivências com as crianças no retorno ao ensino presencial após o ensino remoto. Dentre diversos aspectos que fizeram parte das narrativas das alfabetizadoras, destacamos o quanto as rotinas escolares precisaram ser retomadas, ensinadas e incorporadas na rotina das aulas, assim como os vínculos entre as crianças. Isso proporcionou a reflexão de que a cultura escolar não é dada, ao contrário, trata-se de algo complexo, com regras específicas que, muitas vezes, de tão intrínseco à vida escolar, passa a ser naturalizado pelos sujeitos.

**Palavras-chaves:** Pós ensino remoto; Ensino presencial; Alfabetização; Práticas pedagógicas, Rotina escolar.

### Introdução

A experiência de distanciamento social devido à transmissão da Covid-19 impôs à

<sup>1</sup>Doutora em Educação Ambiental (PPGEA/FURG). Pós-doutoranda em Educação pelo PPGEDU/FURG. Professora da Educação Básica do Município de Rio Grande/RS. Contato: julliane.aalves@gmail.com

<sup>2</sup>Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE/UFPel). Professora do Instituto de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande (IE/FURG) e no Programa de Pós-graduação em Educação da FURG. Contato: gabynogueira@me.com

sociedade em geral, e às instituições de ensino de forma especial, uma reorganização dos espaços e tempos de aprendizagem. Assim, foi necessário construir uma nova configuração de aula, principalmente para as crianças em processo de alfabetização, uma vez que nesse momento em que a mediação do professor constitui-se elemento fundamental do processo pedagógico para o aprendizado da leitura e da escrita, as relações foram suspensas pela situação sanitária de emergência que o mundo atravessou.

Em virtude dessa reorganização, as escolas se mantiveram totalmente fechadas durante o ano de 2020<sup>3</sup>, no ano de 2021 mesmo ainda com altos índices de contágio da doença, em alguns municípios houve flexibilizações na abertura de espaços públicos, entre eles a escola, ficando a escolha da frequência facultativa às famílias. O cenário de medo e insegurança instaurado em virtude das inúmeras vidas perdidas e a demora na vacinação da população, pode ter sido um dos motivos que levou poucas crianças de fato retornaram a escola no ano de 2021, sendo que a maioria se manteve no Ensino Remoto Emergencial (ERE).<sup>4</sup> Assim, o retorno às aulas presenciais na cidade do Rio Grande/RS, ocorreu de fato no ano de 2022<sup>5</sup>, momento em que todos foram chamados a retomarem suas rotinas escolares.

Com o intuito de refletir e compreender o contexto deste retorno após o período ensino remoto, este trabalho apresenta reflexões de um grupo de quatro professoras alfabetizadoras, participantes de uma pesquisa sobre práticas de leitura no retorno ao ensino presencial, desenvolvido no âmbito de pós-doutorado junto ao Programa de pós-graduação em Educação e vinculada ao Grupo de Pesquisa e Estudos em Alfabetização e Letramento (GEALI-FURG). Ainda que o objetivo maior da pesquisa esteja em compreender as práticas de leitura vivenciadas nestas turmas, neste texto abordamos dados referentes a dois encontros em que as professoras dialogaram sobre o retorno ao ensino presencial e evidenciaram suas percepções e sentimentos, demonstrando as principais reflexões e desafios deste momento.

O texto está organizado em duas seções além desta introdução e das considerações finais. A primeira apresenta as escolhas metodológicas e as professoras participantes da pesquisa e a segunda seção, trata da fundamentação teórica aliada aos resultados parciais da pesquisa.

---

<sup>3</sup> No Brasil, as aulas foram suspensas pelo Ministério da Educação (MEC) em 17 de março de 2020, por meio da Portaria nº 343/2020, permitindo a adoção do Ensino Remoto Emergencial (ERE) para a continuidade do ano letivo. Em Rio Grande o Decreto Municipal nº 17.070 de 1º de abril de 2020, oficializou a suspensão das aulas no município.

<sup>4</sup> Na reportagem ao G1 o Governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite afirma que “[...]A adesão à volta às aulas está sendo menor do que deveria”. Para maiores informações acessar <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2021/10/30/governo-do-rs-confirma-retorno-obrigatorio-as-aulas-presenciais-a-partir-de-8-de-novembro.ghtml>.

### **Escolhas metodológicas e as participantes da pesquisa**

Esta pesquisa qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994), tem como fundamentação metodológica a abordagem da pesquisa-formação (JOSSO, 2004) uma vez que nesta perspectiva as narrativas colocadas pelas professoras são fundamentadas na reflexão contínua da práxis pedagógica “[...] contribuindo para a reflexão crítica-colaborativa sobre a sua prática docente, bem como os limites e possibilidades dos diversos condicionantes engendrados no seu trabalho” (XIMENES, et.al., 2022, p. 06).

A pesquisa foi realizada com quatro professoras da rede municipal de Ensino do Rio Grande (RS), por meio de encontros *online*, de maio a setembro, com periodicidade mensal, através da Plataforma *Meet* e tiveram duração de 1 hora e 30 minutos, os quais foram gravados, transcritos e posteriormente analisados. Esses encontros constituíram-se em um ambiente que pressupõe a troca, a coletividade, oportunizando aos envolvidos uma escuta reflexiva a partir dos saberes docentes partilhados. As professoras participantes da pesquisa têm quinze anos ou mais de atuação na docência, duas trabalham em escolas do campo, as professoras Vanessa e Rafaela e duas em escolas de periferia, as professoras Jerusa e Anelise<sup>6</sup>. Uma delas trabalhava 60 horas semanais e as demais desenvolveram suas atividades em 40 horas semanais ao longo de 2022. Desse modo, o grupo tem como característica, professoras com experiência na docência a mais de quinze anos, além de todas atuarem no ciclo de alfabetização em pelo menos um dos turnos de trabalho. Nos demais períodos de sua jornada, Anelise e Vanessa trabalham no apoio escolar ofertado aos estudantes com dificuldades de aprendizagem, Jerusa como regente de uma turma de 4º ano e Rafaela desenvolvendo projetos no contra-turno escolar dividindo-se com as ações de direção/coordenação da escola do campo em que atua. Três delas já atuaram em ações de gestão escolar.

A cada encontro, foram propostas algumas questões para serem debatidas, além de sugestões de vídeos e leituras prévias, em um ambiente dialógico de partilha e coletividade, em que as alfabetizadoras narravam sobre suas vivências no retorno ao ensino presencial, compartilhando seus sentimentos, preocupações e percepções, problematizando os desafios e as situações de sala de aula, considerando o foco proposto para o encontro. Neste trabalho, apresentamos os dados produzidos em dois encontros, um no dia 26 de maio e outro em 09 de junho de 2022, quando foi tratado sobre a organização das rotinas de cada turma no retorno das atividades escolares pós o ensino remoto.

---

<sup>6</sup> Foram atribuídos nomes fictícios as professoras buscando preservar sua identidade.

## **A rotina escolar no retorno ao ensino presencial**

O período de retorno à escola, após a experiência do ensino remoto, merece especial atenção, uma vez que se faz necessário compreender como as práticas escolares foram sendo produzidas neste contexto. Ao relatarem sobre a sua turma e as atividades propostas em seu planejamento, as professoras elencaram aspectos importantes e recorrentes acerca das relações estabelecidas pelas crianças em sala de aula, os quais entendemos que precisam ser melhor analisados.

Assim como o período do ERE exigiu uma nova forma de pensar a docência, pois os professores precisaram se adequar rapidamente a esse novo momento vivido, as alfabetizadoras, participantes desta pesquisa, no retorno ao ensino presencial continuaram demonstrando preocupação ao elaborar seus planejamentos, pois perceberam a necessidade em encontrar recursos, estratégias e atividades mais efetivas para atender aos estudantes, conforme relatado pela professora Jerusa:

*Por onde que eu vou, como é que eu começo? Porque antes de tudo pra eles poderem aprender. [...] E aí no meio disso tudo, tem esses que tão bem no início e tem outros lá que estão uns “avião”, né? [...] aí parece que eu me sinto perdida, para onde que eu vou? Qual é que eu atendo primeiro? (Jerusa, 09 de junho de 2022)*

O sentimento narrado no excerto anterior demonstra que a professora sente-se perdida, buscando dar atenção a cada criança, mas encontrando dificuldade em decidir sobre “quem eu atendo primeiro”. Como afirma Macedo e Cardoso (2022, p. 28) esta realidade reafirma a “importância do trabalho docente presencial, à potência das interações professor-criança e das crianças entre si, às redes de relações e aprendizagens que se processam na sala de aula e que foram obstruídas pelo distanciamento social imposto pela pandemia”. Além dessas preocupações, outra professora do grupo, ao referir-se aos alunos, destaca:

*E o quanto eles estão assim impacientes, né? Tu és isto, tu és aquilo. Então isso quando a gente tem que trabalhar a questão da amizade, a questão da empatia, de me colocar no lugar do outro. Eu gostaria que me dissesse isso ou aquilo? (Daniela, 26 de maio de 2022).*

No período de distanciamento social, as crianças conviveram exclusivamente com suas famílias em interações estabelecidas dentro do núcleo familiar que, de certa forma, impediram as mesmas de viverem as emoções, ações e reações em um convívio social mais amplo como a instituição escolar, que enriquece a cada um a partir da diferença, da pluralidade e do compartilhamento de ideias. Como ressalta Nóvoa (2022) o que nos educa é o diferente, enquanto em casa estamos entre iguais, na escola partilhamos da diferença. “Em casa estamos num lugar que é nosso, na escola num lugar que é de muitos: e ninguém se

educa sem iniciar uma viagem juntamente com os outros. A grande vantagem da escola é ser diferente da casa” (NÓVOA, 2022, p. 41).

Portanto, o retorno ao ensino presencial após o período do ERE trouxe consigo um destaque para reflexões sobre os vínculos e as rotinas escolares, pois como a pesquisa demonstra, esses assumem uma dimensão de centralidade nas atividades a serem propostas às crianças. Não ceder esse “lugar” como parte importante do currículo e do planejamento pode causar frustração aos professores. De acordo com o relato de Jerusa:

*A gente idealiza aquelas coisas, mas, infelizmente, as vezes a gente se frustra [...] eles gostam da escola, eles querem estar na escola, mas eles querem é: Eu quero extravasar! Eu quero é correr!, Eu quero é brincar! Eles querem estipular as regras, é tudo que eu quero, sabe? Eu vejo uma ansiedade, uma euforia neles (Jerusa, 09 de junho de 2022).*

Ao mesmo tempo em que as rotinas escolares contribuem para a organização do trabalho pedagógico, a professora ao relatar que as crianças só querem brincar, extravasar e correr, demonstra reconhecer a importância da vivência do grupo e a falta que as crianças sentiram dessas relações. Embora em muitos momentos a convivência seja conflituosa, as crianças buscam a ludicidade com seus pares, o prazer da brincadeira e a satisfação de poder frequentar a escola, ou seja, um espaço que oportuniza vivências múltiplas em um sentimento de reencontro.

Os tempos e rotinas escolares são diferentes em cada instituição, mas fazem parte do que poderíamos definir por “práticas escolares culturalmente construídas” (FERREIRA; ALBUQUERQUE, 2012, p.13) como o toque do sino/campainha para marcar os tempos de entrada, saída e recreio; o momento da merenda; a realização das filas, bem como inúmeras práticas que incidem diretamente sobre a organização do trabalho pedagógico docente. As alfabetizadoras ressaltaram nos encontros, o quanto estar acostumado a essas práticas escolares é importante para a organização do trabalho pedagógico em sala de aula, e observaram que as crianças longe da instituição se distanciaram destas rotinas. Ao identificarem isso, refletiram que esses aspectos são próprios do ambiente escolar e não de outros espaços. Contudo, pelo fato de as professoras estarem fortemente arraigadas à cultura escolar, naturalizam essas rotinas e, com o fato de ficarem tanto tempo exercendo a docência de modo remoto, ao retornarem às aulas presenciais, houve esse estranhamento em perceber que seria necessário reaprender as práticas estabelecidas no ambiente escolar. Desse modo, a reflexão foi no sentido de que as rotinas intrínsecas à escola não são dadas e sim construídas cultural e coletivamente no cotidiano das relações.

De acordo com Julia (2001) a cultura escolar pode ser entendida como um conjunto de normas que estabelecem conhecimentos e condutas a serem ensinadas, bem como “um

conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização)” (JULIA, 2001, p. 1). São práticas próprias da cultura escolar que no retorno ao ensino presencial precisaram ser novamente aprendidas/ revisitadas e nesse movimento, algumas práticas permaneceram e outras cederam espaço para novas rotinas escolares que caracterizam esse período de retorno ao ensino presencial.

Um outro aspecto evidenciado pelas alfabetizadoras neste retorno, demonstra a preocupação com a aprendizagem das crianças e com as dificuldades que este tempo de ensino remoto ocasionou para o processo de alfabetização.

*Uma das coisas que a gente ficou bem no início, muito preocupado com a relação do resgate [...] O resgate de aprendizagem, como é que a gente ia fazer [...] começamos com os objetivos, tudo que a gente já tinha alinhado, mas ao longo do processo, os primeiros meses a gente percebeu que estava pra além só de resgate, de aprendizado [...] porque as rotinas escolares que eles perderam muito com essa pausa que a gente teve assim (Vanessa, 26 de maio de 2022).*

A partir das colocações da professora percebemos que foram traçados objetivos de aprendizagem com o intuito de sanar defasagens que se imaginava que os estudantes apresentariam neste retorno do ERE. Contudo, perceberam que um lugar central precisaria ser dado às rotinas, às relações interpessoais e aos vínculos. Segundo Meirieu (2005) a escola é uma instituição que remete a valores e princípios, “[...] a Escola não é – e nem pode ser- uma máquina de ensinar e de aprender. Ela não é redutível a uma lógica de “serviço público”. Ela não depende da simples eficácia de suas funções sociais” (MEIRIEU, 2005, p. 24). Nesse sentido, a escola desempenha seu papel quando gera impacto e mudança na vida e na formação dos indivíduos, não reduzindo sua função ao cumprir objetivos de aprendizagem que pouco podem fazer sentido às crianças, sem que primeiro sejam levadas em consideração suas reais prioridades.

As pesquisas e os debates em torno do ERE já anunciavam antecipadamente a preocupação das professoras no retorno das crianças ao ensino presencial, por distintas razões, mas principalmente pelas dificuldades produzidas pela falta de acesso que a grande maioria dos estudantes de escola pública tiveram durante o período de isolamento social, como demonstrou o dossiê “Retratos da Alfabetização na pandemia da COVID-19 no Brasil: resultados e uma pesquisa em Rede”<sup>7</sup>, ocasionando às crianças um afastamento ainda maior, tanto do vínculo com a professora, quanto com os processos de aprendizagem propostos.

---

<sup>7</sup> Para maiores informações consultar em: <https://www.dropbox.com/s/1yui7iko11h6h4s/Retratos.pdf?dl=0>. Acesso em: 12 dez. 2022

Essa lacuna agravada pela falta de políticas públicas denunciou o cenário desigual vivenciado em nosso país e dificultou o acesso de crianças ao ensino remoto. Além disso, impossível desconsiderar as vidas perdidas em virtude da contaminação do vírus da Covid-19, que ocasionou mudanças efetivas e repentinas na organização pessoal e familiar das crianças, que longe da escola tiveram distintas experiências que não se pode mensurar, mas que impactam nessa nova reorganização e no retorno a escola.

## **Considerações Finais**

Este artigo teve como objetivo problematizar o retorno ao ensino presencial pós o ensino remoto, na perspectiva de quatro professoras alfabetizadoras do município do Rio Grande/RS, participantes de uma pesquisa de Pós-Doutorado que investiga práticas de leitura em turmas de alfabetização. A partir da análise de dois encontros realizados com as docentes, foi possível perceber em suas narrativas o quanto estavam preocupadas com o desenvolvimento das aprendizagens das crianças, buscando preencher as lacunas deixadas pelo ERE.

Contudo, no retorno ao ensino presencial, as rotinas escolares assumiram uma dimensão de centralidade na organização do trabalho pedagógico das professoras alfabetizadoras, uma vez que, longe da instituição, os estudantes se distanciaram das mesmas e as professoras ao refletir e perceber que as rotinas são próprias da instituição escolar e não de outros espaços, acolheram e valorizaram essa nova (re)organização para que as crianças retornassem a este espaço-tempo escolar de forma tranquila.

Desse modo, ressaltamos com este estudo a reflexão de que as rotinas intrínsecas à escola não são dadas e sim construídas cultural e coletivamente no cotidiano das relações e precisaram ser priorizadas e revisitadas nesse período de retorno ao ensino presencial pós o ensino remoto.

## **Referências**

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 1979.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

FERREIRA, A.T; ALBUQUERQUE, E.B. O cotidiano escolar: reflexões sobre a organização do trabalho pedagógico na sala de aula. In: FERREIRA, A. T. B.; ROSA, E. C. S. (org.). **O fazer cotidiano na sala de aula**: a organização do trabalho pedagógico no ensino da língua materna. Recife: Autêntica, 2012.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MACEDO, M. S. A. N.; CARDOSO, A. I. J. Alfabetização de crianças na pandemia da covid-19 no Brasil: uma análise estatístico-descritiva. In: MACEDO, M. S. A. N. (org.). **Retratos da alfabetização na pandemia da COVID-19**: Resultados de uma pesquisa em Rede. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2022. *E-book* (395p.) color. Disponível em: <https://www.dropbox.com/s/1yui7iko11h6h4s/Retratos.pdf?dl=0>. Acesso em: 12 dez. 2022.

MEIRIEU, P. **O cotidiano da escola e da sala de aula**: o fazer e o compreender. Porto Alegre: Artmed, 2005.

NÓVOA, A. **Escola e professores**: proteger, transformar, valorizar. Salvador: SEC/IAT, 2022. *E-book* (116p.) color. ISBN: 978-65-993687-1-4. Disponível em: <https://rosaurasoligo.files.wordpress.com/2022/02/antonio-novoa-livro-em-versao-digital-fevereiro-2022.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2022

XIMENES, P. A. S. et al. A pesquisa-formação sob diferentes perspectivas no campo do desenvolvimento profissional docente. **Ensino em Re-Vista**, [S. l.], v. 29, n. Contínua, p. e010, 2022. DOI: 10.14393/ER-v29a2022-10. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/64666>. Acesso em: 05 de maio de 2023.